

PONHA O LEITOR O TITULO QUE QUISER

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

E depois não querem que a gente se queixe! Abro o jornal, num domingo ameno e azul, e depois de correr as notícias políticas, que já não são animadoras, abro a página dedicada à cidade. Vocês se lembram se por acaso eu já disse que sou muito municipal? Pois sou. Tenho amor à cidade, às coisas da cidade, ao movimento, ao tráfego, ao calçamento, aos tuneis, etc. Abro o jornal e leio os títulos. Leio sempre os títulos todos e depois as notícias pormenorizadas. É um método como outro qualquer. Confesso que muitas vezes contento-me com a leitura do título e até evito entrar no miolo da notícia para não quebrar o encantador mistério do cabeçalho. Mas vamos ao que li nesse domingo e o leitor me dirá depois se tenho ou não tenho razão de andar cabisbaixo. Ora veja esses títulos: Animais soltos na rua. Moradores prejudicados pela bomba de sucção; Obstruído o canal da avenida Arapogi. Não foram demolidos os prédios desapropriados. Despejam lixo na rua os carros da prefeitura. Permanecem os buracos em Marques de Abrantes. Deixam crescer a grama onde havia lindas flores. Abandonado o jardim da Glória. Consumirão ainda dois anos as obras da rua Arquias Cordeiro. PDF e a firma empreiteira prejudicando os moradores. Morosidade nos trabalhos por falta de cimento. Poucos operários trabalham na pavimentação da rua. A obra está paralisada por falta de material.

E aí estão os títulos e subtítulos de uma página domingueira de jornal. Não é para desanimar? As únicas notícias esperançosas estão nos anúncios que figuram na mesma página. Há por exemplo o unguento que cura rápida e infalivelmente dertos, frieiras e eczemas. Outro remédio oferece as mesmas garantias para a retificação da obesidade. Uma loja de

barbantes anuncia uma rede do norte, acrescentando que serve para adultos e para crianças, coisa que me deixou deveras encantado. Mas o melhor, o mais sedativo e consolador era o sofá, que tomava um quarto da página, e que deve ser maravilhosamente confortável a julgar pelo sorriso da moça. Eu sempre achei que propaganda é uma imbecilidade que dá certo porque uma porção de gente acredita nela, mas nesse domingo estava tão triste, tão diminuído, tão acabrunhado com a notícia daqueles animais soltos na rua, e daquela grama no lugar em que havia lindas flores, e sobretudo, ah! sobretudo com aquela bomba de sucção, que resolvi entrar no anúncio, virar anúncio, e deitar-me no sofá do anúncio à sombra do sorriso da moça do anúncio.

Mas nem todo anúncio é por essência ou preceito consolador. Há um genero angustiado de anúncio, um genero neurótico. É o do "precisa-se". Você já pensou na infinita tristeza de uma página toda cheia de precisa-se? Vou pedir ao dono do jornal que me ponha um desses pungentes anúncios naquela página de Ruas e Bairros da Cidade. Um anúncio simples e comovente: Precisa-se de uma cidade. Mas por favor não me venham com Brasília, que é mais anúncio do que o divan do anúncio.

P. S. Agradeço muito penhorado a todos os amigos que se tem interessado por minha saúde. Graças a Deus estou melhor e brevemente serei visto nos lugares habituais num estado mais apresentável do que o da nossa cidade.